

# Início do Movimento Espírita em Brasília

Antônio Vilella, um dos pioneiros do Movimento Espírita de Brasília, com 91 anos, relata suas experiências junto a várias instituições espíritas

**Reformador:** *O senhor tem uma longa trajetória no Movimento Espírita. Como a iniciou?*

**Vilella:** Em 1937, através de um primo que frequentava o Centro Espírita Jesus Nazareno – em Mato-Sete, ramal de Santa Cruz, no Rio de Janeiro –, participei de uma reunião mediúnic e doutrinária naquele Centro, mas continuei na Igreja Católica. Após minha viuvez, passando pela Central do Brasil, vi o jornal *O Mundo Espírita*. Pelo momento que estava vivendo e pelo título, o jornal chamou-me a atenção. No jornal, vi o endereço de um Centro, no bairro onde eu morava – Marechal Hermes –, com o nome Grupo

Espírita Gabriel, Discípulo de Maria Madalena. Passei a frequentar as reuniões doutrinárias e mediúnicas e a exercer atividades como colaborador: inicialmente, como arrecadador de contribuições para o Centro, depois, como procurador e também coordenando o movimento jovem. Conheci um companheiro ligado à Federação Espírita Brasileira (FEB), o Agadyr Teixeira Torres. Começamos a trabalhar com ele no Movimento e, posteriormente, conheci o professor José Jorge, Leopoldo Machado e outros do Movimento Espírita do ramal de Nova Iguaçu. Com Leopoldo, atuamos pela expansão do movimento das mocidades espíritas. Nesse período, fundamos uma Juventude Espírita com Alberto Nogueira Gama, Agadyr Teixeira Torres, Laís e Júlio Capilé e outros companheiros. A Federação Espírita Brasileira nos cedeu uma sala, onde nos reuníamos sob os cuidados e o zelo rigoroso



do presidente da FEB, o nosso saudoso Antônio Wantuil de Freitas. Passamos a visitar hospitais, asilos, colônias de hansenianos e instituições espíritas, nestas últimas objetivando estimular a fundação de mocidades/juventudes espíritas.

**Reformador:** *Em quais cidades foram centralizadas suas atividades espíritas?*

**Vilella:** No Rio de Janeiro, particularmente no ramal de Santa Cruz, dirigi com o professor José Jorge, que era presidente de uma Confraternização com 24 instituições integradas a esse Movimento Espírita, partindo de Deodoro até Santa Cruz. Quando José Jorge fundou um colégio em Ricardo de Albuquerque, passou a presidência da Confraternização para minha pessoa. Fundamos, em Pedra de Guaratiba, o Centro Espírita Gregório Estêvão e conseguimos construir sua sede. Posteriormente, construímos, em Senador Camará (RJ), o Centro Espírita Luz e Fraternidade, passando a integrar o Conselho Diretor do Abrigo Nazareno, em Campo Grande (RJ), que tinha na época mais de 170 crianças internadas. Fazíamos a campanha do quilo, que era estimulada por Leopoldo Machado. Atuávamos na FEB quando foi assinado o Pacto Áureo. Em 1960, fui transferido para Brasília, como funcionário do Tribunal Federal de Recursos. Logo depois, em 10 de junho, encontramos o deputado Campos Vergal e sua esposa, que já eram nossos conhecidos do

Rio de Janeiro. Ele mantinha seu gabinete de portas abertas, atendendo a todos e, particularmente, os espíritas –, sendo assim, o deputado me chamou para participar de sua mesa e perguntou o que eu e minha esposa estávamos fazendo. Relatamos que havíamos sido transferidos naquela data e, logo em seguida, ele me disse que iria a uma reunião eclética, pois todas as crenças estavam sendo convidadas. A partir de então, passamos a nos reunir às três horas da tarde, nas dependências de um centro de Umbanda, na Cidade Livre, dirigido por uma senhora chamada dona Sinhá, já com certa idade. Posteriormente, mudamos para a residência de Maria Costa, em Candangolândia, que veio a ser a primeira vice-presidente, comigo, na fundação do Centro Espírita André Luiz – o primeiro Centro Espírita fundado em Brasília.

**Reformador:** *Chegou a fundar outras instituições espíritas?*

**Vilella:** No Rio de Janeiro, além do “Gregório Estêvão”, em Pedra de Guaratiba, fundamos o “Luz e Fraternidade”, em Senador Camará, e ajudamos a construir o Centro Espírita Filhos de Deus, dentro da Colônia de hansenianos, em Jacarepaguá. Em Brasília, fundamos o Centro Espírita André Luiz, no Guará, o “Emmanuel”, no Gama, e, em 19 de novembro de 1961, o “Auta de Souza”, em Candangolândia. Fiz também uma minuta de estatuto para a Fraternidade Allan Kardec, em Taguatinga (DF).

Fundamos a escola Educandário Paulo de Tarso, no “Apóstolo Estêvão”. Passamos a trabalhar pela união dos centros espíritas de Brasília, a pedido do nosso irmão Wantuil de Freitas e, numa carta que temos nos arquivos do nosso Centro André Luiz, ele pediu que fizéssemos um movimento de confraternização para que fosse fundada uma sociedade federativa em Brasília. Com este objetivo, nos reunimos na residência do Dr. Gilson, com alguns companheiros: Celso Xavier dos Santos, o Jafé, e outros. Em seguida a estas iniciativas, juntou-se a nós o Sr. João Moutinho, que teve uma atuação muito importante à frente da Federação Espírita do Distrito Federal.

**Reformador:** *Em suas ações, quais atividades espíritas foram prioritárias?*

**Vilella:** Foi sempre o trabalho doutrinário e a mediunidade. Atuei mediunicamente na psicofonia, que outrora se chamava incorporação; atuei, igualmente, no campo social, porque fiz parte da campanha do quilo, que depois passou a ser a Campanha Auta de Souza, ajudando sempre no que pude fazer, com o objetivo único de fazer. Ainda com o mesmo pensamento, assumi o compromisso de levar o Evangelho por toda parte – mas não somente a teoria, nós temos que viver num consenso de prática seja na parte mediúnica, seja atendendo os caídos, os necessitados. E, na parte social, não é só dar comida, é, como diz Emmanuel, saber dar o pão, ou seja,



No dia 2 de agosto, a Assembleia Distrital realizou Sessão Solene em homenagem aos 50 anos de fundação da Federação Espírita do Distrito Federal. Compareceram a diretoria e o presidente da FEDF, Paulo Maia Costa; o presidente e o diretor da FEB, respectivamente, Antonio Cesar Perri de Carvalho e João Pinto Rabelo; e vários dirigentes de instituições, inclusive o Sr. Antônio Vilella, um dos pioneiros espíritas do Distrito Federal

saber “ensinar a pescar”. Pois não adianta dar o alimento sem ensinar a pessoa, o ser humano, a ser educado para com as coisas de Deus, não com fanatismo, mas com fraternidade, com amor.

**Reformador:** *Manteve contatos com médiuns como Chico Xavier e outros?*

**Vilella:** Tive contato com o grande médium Chico Xavier, em Pedro Leopoldo, em 1946. Eu e minha segunda esposa, Odila Garcia Vilella – que trabalhou ao meu lado durante os 47 anos de casamento –, levamos nosso filho doente e participamos de uma reunião no Centro Espírita Luiz Gonzaga, em Pedro Leopoldo, isso em 1946. Estive com o Chico e com o professor Ramiro Gama, que escreveu o livro *Lindos casos de Chico Xavier*. Eu me relacionava muito

com o Ramiro Gama, porque ele era um grande tribuno e muito amigo. Desde 1961, nós fizemos caravanas para Palmelo (GO), com o fim de ajudar o Sanatório, que era recém-fundado naquela época.

**Reformador:** *Qual foi sua relação com a Federação Espírita do Distrito Federal ou seus órgãos locais?*

**Vilella:** Meu papel era dar apoio ao movimento de união no trabalho espírita aqui no Planalto Central, juntamente com nosso amigo particular, Mario Barata, e outros companheiros que pertenciam à Comunhão Espírita de Brasília, além de nossa irmã Irene e outros companheiros, como nosso irmão Jorge Cauhy, que foi muito atuante nessa área. Naquele período, nós fizemos um movimento solidário e, em 1961, veio o nosso irmão Pedro Lettieri com seus fa-

miliares, e nos integramos à família “André Luiz”, pautando o nosso caminho pela Doutrina codificada pelo grande missionário Allan Kardec à luz do Cristo Vivo.

**Reformador:** *Em décadas de atuação no Movimento Espírita, quais principais mudanças sentiu?*

**Vilella:** Sentimos, nesse período – até os dias de hoje –, que o Espiritismo caminhou para um campo mais teórico e filosófico, mas, simultaneamente, menos prático. Achamos que os centros espíritas estão deixando o campo mediúnico, partindo para um campo mais filosófico. A Doutrina Espírita veio para acalmar a tempestade dos que vivem na obscuridade, seja no plano físico como no plano espiritual; veio para educar o homem, como diz Emmanuel, para uma nova jornada de vida. ■